

AUTORA BESTSELLER DE  
*A TODOS OS RAPAZES QUE AMEI*

JENNY HAN  
&  
SIOBHAN VIVIAN

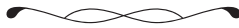
OLHO  
POR  
OLHO

HÁ RAPARIGAS QUE NÃO CHORAM...  
VINGAM-SE!

TOP  
SEL  
LER  
#Bliss

*Para as nossas avós,  
Kyong Hui Han e Barbara Vivian*

# MARY



O nevoeiro matinal pintou tudo de branco. É tal como num dos meus sonhos estilo toca do coelho, em que fico presa, suspensa numa nuvem, e não consigo acordar.

Às tantas, a sirene de nevoeiro toca; a neblina começa a abrir, formando uma espécie de renda, e eu avisto a Jar Island, disposta sobre a linha do horizonte, tal como uma das pinturas da tia Bette.

É nessa altura que tenho a certeza de que consegui: estou de volta.

Um dos trabalhadores amarra o ferry à doca com um cabo grosso. Outro baixa a ponte. A voz do comandante ecoa pelo altifalante.

— Bom dia, senhores passageiros. Bem-vindos à Jar Island. Por favor, certifiquem-se de que não deixam os vossos pertences para trás.

Já quase me esquecerera de como a ilha era bonita. O sol ergue-se por cima da água e ilumina tudo com a sua luz amarelada e brilhante. O meu reflexo na janela fita-me de volta:

olhos claros, lábios abertos, cabelo loiro despenteado pelo vento. Não sou a mesma pessoa que era quando saí daqui, no 7.º ano. Estou mais velha, obviamente, mas não é apenas isso. Mudei. Quando agora olho para mim, vejo uma pessoa forte. Quiçá até bonita.

Pergunto-me se ele me reconhecerá. Uma parte de mim espera que não. Mas a outra parte, aquela que deixou a família para regressar, espera que sim. Tem de reconhecer. Caso contrário, o que faço aqui?

Escuto os ruidosos motores dos automóveis parados no ferry preparando-se para sair. Existem outros tantos em terra, uma comprida fila que se estende até à entrada do parque de estacionamento, à espera para regressarem ao continente. Ainda falta uma semana para terminar as férias de verão. Afasto-me da janela, aliso o vestido de linho com listras brancas e azuis e regresso ao meu lugar para reunir as minhas coisas. O lugar ao meu lado está vazio. Deslizo a mão por baixo do assento, procurando aquilo que já sei que encontrarei. As iniciais dele. RT. Lembro-me bem do dia em que as entalhou, com um canivete suíço, só porque lhe apeteceu.

Pergunto-me se as coisas terão mudado na ilha. Será que a pastelaria Milky Morning ainda tem os melhores *muffins* de mirtilo? E o cinema da Main Street ainda terá as mesmas cadeiras de veludo verde cheias de altos e baixos? E qual será o tamanho do lilás que decorava o nosso quintal?

É estranho sentir-me como uma turista, porque os Zanes moraram na Jar Island praticamente desde sempre. O meu tetravô projetou e construiu a biblioteca. Uma das tias da minha mãe foi a primeira mulher a ser eleita vereadora de Middlebury. O talhão da nossa família fica mesmo no centro do cemitério, no meio da ilha, e algumas das pedras tumulares são tão

antigas e estão tão cobertas de musgo que nem se percebe quem lá está sepultado.

A Jar Island é composta por quatro pequenas cidades. Thomastown, Middlebury, de onde eu sou originária, White Haven e Canobie Bluffs. Cada cidade tem a sua própria escola preparatória e depois todos os alunos frequentam a Escola Secundária de Jar Island. Durante o verão, a população cresce até aos vários milhares de turistas. Contudo, apenas cerca de mil pessoas a habitam durante todo o ano.

A minha mãe diz sempre que a Jar Island nunca muda. É o seu próprio pequeno universo. Há qualquer coisa na ilha que permite às pessoas fazerem de conta que o mundo parou de girar. Creio que faz parte do charme do lugar e é a razão pela qual as pessoas querem passar o verão aqui. Ou porque os mais obstinados aguentam as contrariedades de viver aqui o ano inteiro, tal como a minha família costumava fazer.

As pessoas apreciam o facto de não existir uma única loja grande, um centro comercial ou um restaurante de *fast food* na Jar Island. O meu pai diz que existem cerca de duzentas leis diferentes que impedem a construção dessas coisas. Em vez disso, as pessoas compram os artigos de mercearia nos mercados locais, aviam os medicamentos nas pequenas farmácias e adquirem as revistas e os livros nas livrarias independentes.

Outra coisa que torna a Jar Island especial é o facto de ser uma ilha *de verdade*. Não existem pontes ou túneis a ligá-la ao continente. Além do aeródromo com uma pista, usado apenas pelos mais ricos com jatos particulares, tudo e todos chegam e partem neste ferry.

Pego nas malas e sigo os restantes passageiros que vão desembarcar. A doca desemboca no posto de turismo. Um velho autocarro escolar dos anos 1940 pintado com as palavras

«JAR ISLAND TOURS» está parado mesmo em frente, e a ser lavado. Um quarteirão mais atrás começa a Main Street — uma pitoresca sequência de lojas de recordações e snack-bares. Por cima, ergue-se a grande colina de Middlebury. Demoro alguns segundos a encontrá-la, e tenho de proteger os olhos do sol, mas avisto o telhado vermelho e inclinado da minha antiga casa, lá bem no alto.

A minha mãe cresceu naquela casa, juntamente com a tia Bette. O meu quarto pertencera à tia Bette, e tem vista para o mar. Pergunto-me se é aí que ela dorme, agora que voltou a morar ali.

Sou a sua única sobrinha; e ela não teve filhos. Nunca soube lidar com crianças, por isso sempre me tratou como uma adulta. Eu gostava, fazia-me sentir crescida. Quando pedia a minha opinião sobre as suas pinturas, escutava sempre com atenção aquilo que eu tinha para dizer. Contudo, nunca foi o tipo de tia que se sentava no chão para me ajudar a fazer um quebra-cabeças ou que desejasse fazer bolos comigo. Também não precisava que ela fosse assim. Já tinha um pai e uma mãe que faziam essas coisas.

Acho que será fantástico viver com a tia Bette, agora que sou mais velha. Os meus pais tratam-me como uma criança. Um exemplo: tenho de estar em casa às dez, embora já tenha 17 anos. Creio que depois de tudo o que se passou é compreensível que sejam exageradamente protetores.

A caminhada até casa demora mais tempo do que me recordava, talvez porque as malas me obrigam a andar devagar. Estico o polegar aos poucos carros que sobem a colina. Alguns dos locais andam à boleia pela ilha. É uma prática aceite, uma forma de ajudar os vizinhos. Eu nunca tive autorização para o fazer, mas, pela primeira vez, não tenho os meus pais

a vigiarem-me. Ninguém para, o que é uma chatice, mas há sempre o dia de amanhã e depois de amanhã. Tenho todo o tempo do mundo para andar à boleia ou para fazer o que quiser.

Sem perceber, passo diante da casa e sou obrigada a voltar para trás. Os arbustos cresceram muito e esconderam a fachada. Não fico surpreendida. Cuidar do jardim era tarefa da minha mãe, não da tia Bette.

Arrasto as malas pelos últimos metros e contemplo a casa. É um edifício colonial de três andares, coberto de ripas cinzentas, portadas brancas em cada janela e um caminho calçadado que atravessa o quintal. O velho *Volvo* da tia Bette está estacionado na entrada da garagem e coberto por uma fina camada de pequenas flores roxas.

O lilás está mais alto do que eu alguma vez achei possível. E, apesar de muitas flores terem caído, os ramos ainda pendem com o peso de milhões de outras. Respiro fundo.

É bom estar em casa.

# LILLIA



É novamente aquela altura do ano: final de agosto, só mais uma semana até as aulas começarem. A praia está cheia de gente, mas não tão cheia quanto no feriado de 4 de julho. Estou deitada numa enorme toalha com a Rennie e o Alex. O Reeve e o PJ estão a jogar ao disco, e a Ashlin e o Derek foram dar um mergulho. Este é o nosso grupo. Tem sido assim desde o 9.º ano. É difícil de acreditar que já estamos no último ano.

O sol está tão brilhante que sinto a pele ficar ainda mais dourada. Serpeio o corpo para me afundar um pouco mais na areia. Adoro o sol. Ao meu lado, o Alex está a aplicar mais protetor solar nos ombros.

— Bolas, Alex — resmunga a Rennie, levantando os olhos da revista. — Vais ter de começar a trazer o teu próprio protetor solar. Já gastaste metade da minha embalagem. Para a próxima vou deixar que apanhes um cancro.



— Estás a gozar comigo? — contrapõe o Alex. — Roubaste este da piscina da minha casa. Ajuda-me, Lil.

Apoio-me num dos cotovelos e sento-me.

— Falhaste um espaço aí no ombro. Vira-te.

Agacho-me atrás dele e passo-lhe um bom bocado de creme no ombro. O Alex vira-se e pergunta:

— Lillia, que tipo de perfume usas?

Solto uma gargalhada.

— Porquê? Queres que te empreste? — Adoro provocar o Alex Lind. É tão fácil.

Ele ri-se também.

— Não. É pura curiosidade.

— É segredo — respondo, dando-lhe palmadinhas nas costas.

É importante para uma rapariga ter um cheiro só seu. Um cheiro que toda a gente reconheça, para, quando passar no corredor da escola, as pessoas pararem e se virarem, como uma espécie de resposta pavloviana, ou qualquer coisa do género. De cada vez que sentirem o odor do perfume, pensarão em mim. Caramelo e jacintos, é esse o perfume da Lillia.

Volto a deitar-me na toalha e viro-me de barriga para baixo.

— Tenho sede — anuncio. — Podias passar-me a minha *Coca-Cola*, Lindy?

O Alex inclina-se e procura na geleira.

— Já só há água e cerveja.

Franzo o sobrolho e olho para o Reeve. Tem o disco numa das mãos e a minha *Coca-Cola* na outra.

— Ree-ve! — grito. — Essa cola era minha!

— Desculpa — replica ele, não soando nem um pouco arrependido. Lança o disco num arco perfeito e este vai aterrar aos pés de umas raparigas giras sentadas em cadeiras

de praia. Exatamente onde desejava que caísse, não tenho a menor dúvida.

Olho para a Rennie, que tem os olhos semicerrados.

O Alex levanta-se e sacode a areia dos calções.

— Eu trago-te outro sumo.

— Não tens de o fazer — digo-lhe. Mas claro que não estou a ser sincera. Estou cheia de sede.

— Vais sentir a minha falta quando eu não estiver aqui para te ir buscar as bebidas — afirma ele, sorrindo. O Alex, o Reeve e o PJ vão fazer uma pescaria e ficarão fora durante toda a semana. Os rapazes estão sempre por perto; vemo-los quase todos os dias. Será estranho terminar o verão sem eles.

Mostro-lhe a língua.

— Não vou sentir a tua falta nem um bocadinho!

O Alex corre até junto do Reeve, e caminham ambos até à banca de cachorros-quentes que fica mais adiante, na praia.

— Obrigada, Lindy! — grito. Ele é tão simpático para mim.

Olho para a Rennie, que tem um sorrisinho parvo no rosto.

— Aquele rapaz seria capaz de fazer qualquer coisa por ti, Lil.

— Para com isso.

— Sim ou não. Achas o Lindy giro? Sê sincera.

Nem tenho de pensar na pergunta.

— Sim, claro que é giro. Mas não faz o meu género. — A Rennie metera na cabeça que o Alex e eu devíamos formar um casal, e depois ela e o Reeve formariam outro par e podíamos sair os quatro e fazer viagens de fim de semana. Como se os meus pais alguma vez me deixassem viajar com rapazes! A Rennie que se adiante e que apanhe uma DST do Reeve se quiser, mas o Alex e eu não vamos a lado nenhum. Não o vejo dessa forma, e ele não me vê dessa forma. Somos amigos.

Apenas isso. A Rennie olha para mim e revira os olhos, mas felizmente não insiste mais. Virando a página da revista, pergunta-me:

— O que achas se eu pentear o cabelo assim para o baile de início de ano? — Vejo a fotografia de uma rapariga com um vestido prateado brilhante e o cabelo loiro a esvoaçar como uma capa.

— Ren, o baile é em outubro! — argumento, com uma gargalhada.

— Exatamente! Só falta um mês e meio. — Ela agita a revista na minha direção. — Então, o que achas?

Acho que ela tem razão. Devíamos começar a pensar em vestidos. Nem morta vou comprar o meu numa das boutiques da ilha, não quando há 90 por cento de probabilidade de outra rapariga aparecer com um vestido igual. Olho para a fotografia com mais atenção.

— É giro! Mas duvido que haja uma máquina de vento na festa.

A Rennie estala os dedos.

— É isso! Uma máquina de vento. Que ideia genial, Lil.

Solto uma risada. Se é isso que ela deseja, é isso que terá. Ninguém recusa nada à Rennie Holtz.

Estamos a debater os possíveis visuais para a festa, quando dois rapazes se aproximam da nossa toalha. Um deles é alto e tem um corte militar e o outro é baixo e entroncado, com bíceps volumosos. São ambos giros, embora o mais baixo seja mais giro. São certamente mais velhos do que nós, e não frequentam a escola secundária.

De súbito, fico satisfeita por estar a usar o meu novo biquíni preto e não o cor-de-rosa com bolinhas brancas.

— Vocês têm um abre-cápsulas? — pergunta o mais alto. Faço que não com a cabeça.

— Mas de certeza que o bar da concessão tem e empresta.

— E vocês que idade têm? — indaga o mais corpulento.

Percebo que a Rennie gostou dele, pela forma como atira o cabelo para o lado antes de perguntar:

— E queres saber porquê?

— Quero ter a certeza de que não há problema em falar convosco — explica, com um sorriso. Olha para ela. — Que não é ilegal.

Ela dá uma risadinha, mas de uma maneira que a faz parecer mais velha, e não uma criança.

— É legal. Por pouco. E vocês que idade têm?

— Temos 21 — diz o mais alto, fitando-me. — Estamos no último ano da Universidade de Massachusetts. Viemos passar esta semana à ilha.

Componho a parte de cima do biquíni para não mostrar demais. A Rennie acaba de fazer 18 anos, mas eu ainda tenho 17.

— Arrendámos uma casa na Shore Road, em Canobie Bluffs. Deviam aparecer por lá um destes dias. — O mais entroncado senta-se ao lado da Rennie. — Dá-me o teu número.

— Pede com gentileza — diz a Rennie, toda melosa. — E depois talvez eu possa pensar no assunto.

O tipo mais alto senta-se ao meu lado, na orla da toalha.

— Sou o Mike.

— Lillia — apresento-me. Por cima do ombro, vejo que os rapazes estão de volta. O Alex tem uma *Coca-Cola* na mão. Estão a olhar para nós, provavelmente perguntando-se quem são estes tipos. Os nossos amigos podem ser excessivamente protetores em relação a rapazes que não são da ilha.

O Alex franze a testa e diz qualquer coisa ao Reeve. A Rennie também os vê; começa a rir mais alto e a atirar o cabelo para cima do ombro.

O Mike, o mais alto, pergunta-me:  
— Aqueles rapazes são os vossos namorados?  
— Não — respondo. Ele olha-me com tanta intensidade  
que fico corada.  
— Ótimo — diz ele, e sorri.  
Os dentes dele são perfeitos.

# KAT



**É** o início de uma noite de verão perfeita, daquelas em que se contam as estrelas e não é preciso vestir uma camisola, nem mesmo junto ao mar. O que é fantástico, uma vez que deixei a minha em casa. Apaguei assim que cheguei a casa vinda do trabalho e dormi até à hora do jantar. Quando acordei tinha cinco segundos para apanhar o ferry para o continente, por isso atirei todas as roupas que vi pelo chão para o saco, despedi-me do meu pai com um dá-cá-mais-cinco e corri todo o caminho da T-Town até ao cais de Middlebury. Sei que me devo ter esquecido de alguma coisa, mas a Kim de certeza que me deixará escolher qualquer coisa do seu armário, por isso tanto faz.

A Main Street está apinhada de gente. Nenhuma das lojas está aberta a esta hora, mas não importa. Os turistas deambulam sem rumo, parando diante das montras para ver as porcarrias das camisolas e dos bonés que dizem Jar Island.

Odeio o mês de agosto.

Resmungo e abro caminho até ao Java Jones. Se quero estar acordada para os vários *encores* do concerto dos Puppy Ciao, vou precisar de cafeína.

Os Puppy Ciao vão tocar na loja de música onde a Kim trabalha, um lugar chamado Paul's Boutique, no continente. A Paul's Boutique tem uma garagem ao lado onde fazem os espetáculos, e, se é uma banda que quero ver, a Kim deixa-me passar a noite no seu apartamento. Ela vive mesmo por cima da loja. As bandas às vezes também acabam por lá ficar, o que é fixe. O vocalista dos Puppy Ciao parecia bem sexy na capa do novo álbum. Não tão atraente quanto o baterista, mas a Kim diz que os bateristas são sempre uma carga de trabalhos.

Subo os degraus do Java Jones dois de cada vez. Quando me preparo para abrir a porta, um dos empregados tranca-a.

Bato no vidro.

— Sei que estão a fechar, mas podia dar-me um triplo para levar?

Ignorando-me, o empregado desata o nó do avental e apaga a luz do néon. A montra fica às escuras. Dou-me conta de que ele deve pensar que eu sou uma das turistas ricas que acham que os horários das lojas não se aplicam a elas, o tipo de *snob* com que tenho de lidar todos os dias na marina. Atiro o cigarro meio fumado para a sarjeta, enfio as mãos nos bolsos das calças de ganga de cintura descaída e grito num tom desesperado:

— Por favor! Eu moro aqui!

Ele volta-se e olha para mim como se eu fosse uma chata de galochas, mas nesse momento a sua expressão suaviza-se.

— Kat DeBrassio?

— Sim. — Fito-o com os olhos semicerrados. Ele parece-me familiar, mas não sei de onde o conheço.

O tipo destranca a porta e abre-a.

— Eu costumava entrar nas corridas de mota com o teu irmão. — Ele segura a porta para que eu possa entrar. — Cuidado, o chão está molhado. E diz ao Pat que eu mando cumprimentos.

Faço que sim com a cabeça e avanço em bicos de pés nas minhas botas de motociclista, passando por outro empregado que se encontra a lavar o chão com a esfregona. Pouso a mala sobre o balcão enquanto o tipo prepara a minha bebida. É nessa altura que reparo que o Java Jones não está completamente vazio. Ainda sobra um cliente.

O Alex Lind está sentado sozinho numa das mesas dos fundos, curvado sobre um pequeno caderno. Acho que é um diário, ou qualquer coisa assim. Já o apanhei várias vezes a escrevinhar naquele caderninho, quando ele pensava que ninguém estava a ver. Nunca me mostrou o que contém. O mais certo é acreditar que eu faria troça das coisas que escreve.

Não anda muito longe da verdade. Lá por nos conhecermos há algumas semanas, isso não faz de nós amigos *de verdade*.

Não vou interrompê-lo. Vou pegar no café e sair. Mas então o lápis para no meio da página e o Alex morde o lábio inferior, fecha os olhos e pensa por instantes. Parece um miúdo pequeno a concentrar-se nas orações antes de se deitar, todo vulnerável e querido.

Vou sentir a falta dele.

Passo os dedos pela franja e chamo:

— Iô, Lind.

Ele abre os olhos, surpreendido. Apressa-se a guardar o caderninho no bolso das calças e aproxima-se.

— Ei, Kat. O que andas a fazer?

Reviro os olhos.



— Vou ter com a Kim para ver uma banda. Já te esqueceste? — Ainda nem há cinco horas lhe falei disto, quando ele passou pela marina durante a minha hora de almoço. Foi assim que começámos a passar tempo juntos. Conhecemo-nos no clube náutico, em junho. Claro que já antes disso eu sabia quem ele era. A nossa escola não é propriamente gigantesca. Nunca tínhamos falado um com o outro, com exceção de uma vez ou duas, no ano anterior, durante a aula de Arte. Os nossos grupos de amigos são muito diferentes.

Certo dia, o Alex apareceu na marina com uma lancha nova. Quando tentou sair com ela, afogou o motor.

Eu empurrei-o do lugar do condutor e dei-lhe uma aula rápida. O Alex ficou impressionado com a forma como lidei com o barco. Sempre que o acelerei, vi-o agarrar-se com muita força à borda, os nós dos dedos muito brancos. Foi querido.

Hoje esperava que ele passasse o resto do turno comigo para que o trabalho se tornasse menos aborrecido. Isso e porque sabia que amanhã ele iria fazer uma viagem com os amigos. Vão pescar. Mas o Alex resolveu ir ter com os amigos à praia. Os seus amigos de verdade.

— Sim — disse o Alex, assentindo. — Claro. — Depois inclina-se para a frente e apoia os cotovelos no balcão. — Ei, agradece uma vez mais à Kim por me ter deixado passar a noite lá em casa, OK?

Em julho, levei o Alex a ver os Army of None tocar na loja de discos. Antes de nos conhecermos, ele nunca tinha ouvido falar na banda, mas agora é o seu grupo preferido. Senti-me envergonhada porque o Alex foi vestido com um polo *country club* da ilha, calções largos e chinelos de dedo. Assim que entrámos, a Kim lançou-me um olhar incrédulo por ele aparecer assim tão beto. O Alex comprou uma das t-shirts da banda

e vestiu-a logo. As pessoas que usam as t-shirts das bandas que vão ver são umas parolas, mas sempre era melhor do que aquele polo. Assim que o concerto começou, o Alex integrou-se bem, abanando a cabeça ao ritmo da música, tal como toda a gente. E foi muito educado no apartamento da Kim. Antes de se meter no saco-cama, recolheu as garrafas vazias de cerveja e foi colocá-las no contentor da reciclagem.

— Queres vir comigo? O concerto está esgotado, mas consigo meter-te lá dentro.

— Não posso — responde com um suspiro bem audível. — O meu tio Tim quer sair de madrugada. — O tio Tim do Alex é um daqueles eternos solteirões que vai perdendo o cabelo aos poucos. Não tem família nem responsabilidades, por isso gasta o dinheiro a comprar brinquedos: como o iate novo que ele, o Alex e os amigos vão levar para o fim de semana de pescaria em alto mar, exclusivo a homens.

Encolho os ombros.

— Bem, então, acho que é adeus de verdade. — Faço continência como um oficial da marinha. — Boa viagem — digo num tom sarcástico, porque não estou a ser sincera. Preferia que ele não fosse. Sem as visitas do Alex, a semana de trabalho vai ser uma verdadeira seca.

Ele endireita-se.

— Posso dar-te boleia até ao ferry.

— Não te preocupes com isso.

Começo a afastar-me, mas ele agarra a alça da minha mala e puxa-a.

— Quero levar-te, Kat.

— Pronto. Está bem.

Enquanto conduz em direção ao cais, vai olhando para mim pelo canto do olho. Não sei por que razão isso me faz

sentir estranha, mas a verdade é que faz. Olho para a janela para ele não conseguir ver o meu rosto e pergunto:

— O que se passa contigo?

Ele solta outro suspiro.

— Nem acredito que o verão está a acabar. Não sei, mas sinto que o desperdicei.

Antes de conseguir impedir-me, comento:

— Talvez o tenhas desperdiçado com os falhados dos teus amigos, em vez de o teres passado na minha companhia. — E odeio-me por dar a entender que me preocupo.

Habitualmente, o Alex defende os amigos quando eu faço pouco deles, mas desta vez não diz nada.

Durante o resto do caminho, penso no que irá acontecer quando as aulas começarem, se o Alex e eu continuaremos a ser amigos. Sim, é verdade que passámos bastante tempo juntos este verão, mas não sei se quero ver-me associada a ele na escola. Em público.

O Alex e eu... funcionamos melhor desta maneira. Quando estamos sozinhos.

Ele entra no parque de estacionamento do ferry. Antes de ter tempo de estacionar, eu tomo uma decisão apressada e digo:

— Posso baldar-me ao concerto, se quiseres fazer alguma coisa esta noite. — Não é que eu seja uma seguidora fanática dos Puppy Ciao. Além disso, o mais provável é eles voltarem a atuar lá na loja. Mas eu e o Alex? Esta pode ser a nossa última oportunidade. A nossa última noite. E acho que, de certo modo, ambos o sabemos.

O Alex sorri.

— A sério? Vais ficar comigo?

Abro a janela e acendo um cigarro para esconder o facto de também estar a sorrir.

— Sim, porque não? Quero ver esse iate de ricaço com os meus próprios olhos.

E é para lá que o Alex nos leva. Vamos até à mansão do tio Tim, onde o iate está atracado. Assim que nos aproximamos, eu começo de imediato a gozar e a dizer que é espalhafatoso, mas aquilo que estou realmente a pensar é: *Bolas, este iate é maior do que a porcaria da minha casa*. É, sem sombra de dúvida, o melhor barco que eu alguma vez vi. Melhor do que qualquer um dos barcos atracados na marina.

O Alex é o primeiro a subir a bordo, e eu sigo-o. Mostra-me tudo rapidamente, e é ainda mais luxuoso por dentro. Mármore italiano, uma centena de televisores de ecrã plano e uma garrafeira repleta de vinhos italianos, franceses e sul-africanos.

Penso na Rennie. Ela morria se visse aquilo.

Apresso-me a afastá-la do meu pensamento. É raro pensar nela, mas detesto quando isso acontece.

Estou a tentar perceber como funciona a aparelhagem, quando o Alex se coloca ao meu lado. Quase colado. Afasta o meu cabelo para o lado.

— Kat?

Fico imóvel. O Alex encosta os lábios ao meu pescoço. Agarra-me pela anca e puxa-me para ele.

Ele não faz o meu género. Nem nada que se pareça.

É por essa razão que isto é uma loucura. Porque assim que viro a cabeça, estamos a beijar-nos. E, subitamente, sinto como se tivesse passado o verão à espera daquilo.

**UMA  
SEMANA  
MAIS TARDE**

## CAPÍTULO 1

# LILLIA



**E**stou sentada no balcão da casa de banho, tentando lembrar-me daquilo que a empregada da secção de maquiagem da Saks me disse sobre como aplicar o delineador em olhos asiáticos. Só que... não consigo lembrar-me das palavras dela.

Creio que me disse para o arquear ligeiramente na ponta. Faço primeiro o olho direito, e não parece ter ficado mal. Estou a terminar o olho esquerdo quando a minha irmã mais nova, a Nadia, bate na porta com tanta força que dou um salto.

— Lil! Preciso de tomar banho! — grita ela. — Lilliiii!

Pego na escova do cabelo e depois destranco a porta. A Nadia entra a correr e abre a torneira da água quente. Senta-se na beira da banheira, com a sua enorme t-shirt de futebol e o brilhante cabelo preto apanhado atrás e fica a ver-me pentear.

— Estás bonita — diz ela, ainda com voz de sono.

Estou? Pelo menos o exterior continua igual.

Continuo a pentear o cabelo. Vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco, pronto. Escovo o cabelo 25 vezes todas as manhãs. Faço-o desde que era pequena.

Hoje será como qualquer outro dia.

— Mas pensava que não se devia usar branco depois do Dia do Trabalhador — acrescenta a Nadia.

Olho para a minha camisola. É nova, de caxemira branca e macia. Estou a usá-la com os meus calções brancos curtos.

— Já ninguém segue essa regra — replico, deslizando do balcão para o chão. — Além disso, isto é branco-inverno. — Bato-lhe levemente no traseiro com a escova. — Entra na banheira e despacha-te.

— Tenho tempo para enrolar o cabelo antes de a Rennie chegar? — pergunta ela.

— Não — respondo, enquanto fecho a porta. — Cinco minutos.

De volta ao meu quarto, e em piloto automático, começo a encher a mala castanha com as coisas da escola. A minha caneta nova e a agenda com capa de couro que a minha mãe me ofereceu. Chupa-chupas. Protetor labial com sabor a cereja. Tento pensar se estou a esquecer-me de alguma coisa, mas não me ocorre nada, por isso pego nas alpercatas brancas e desço as escadas.

A minha mãe está na cozinha, de roupão e a beber um expresso. No Natal, o meu pai ofereceu-lhe uma daquelas máquinas de café todas chiques e ela faz questão de a usar pelo menos uma vez por semana, embora prefira beber chá e embora o meu pai raramente esteja em casa para a ver usá-la. O meu pai é médico, daqueles que fazem investigação. Desde que me lembro que ele está a trabalhar num novo medicamento para curar o cancro. Passa grande parte dos meses a trabalhar num laboratório em Boston, e viaja para todas as partes do mundo

para apresentar as suas descobertas. Este verão ele apareceu na capa de uma publicação científica. Não me lembro do nome.

Apontando para o prato dos *muffins*, a minha mãe diz:

— Senta-te e come antes de ires, Lilli. Comprei aqueles com mais açúcar, de que tu gostas.

— A Rennie não deve demorar a chegar — digo. Quando vejo a sua expressão de decepção, tiro um *muffin* e embrulho-o num guardanapo. — Como-o no carro.

Tocando-me no cabelo, ela diz:

— Nem acredito que este é o teu último ano no secundário. Mais um ano e vais para a universidade. A minha menina linda já está crescida.

Desvio o olhar. Acho que agora já sou mesmo crescida.

— Ao menos ainda tenho a minha bebé. A Nadi está a vestir-se?

Faço que sim com a cabeça.

— Tens de olhar pela Nadi agora que frequentam a mesma escola. Sabes como ela te admira, Lilli. — A minha mãe aperta-me o braço e eu engulo a saliva com dificuldade. Tenho mesmo de olhar pela Nadia com mais atenção. Não como fiz no sábado passado, em que a deixei na festa do Alex. Estava com as amigas dela, mas mesmo assim eu devia ter ficado.

A buzina do carro da Rennie soa bem alto e eu levanto-me.

— Nadia! — grito. — A Rennie chegou!

— É só um minuto! — guincha a Nadia de volta.

Despeço-me da minha mãe com um abraço e dirijo-me para a porta da garagem.

— Leva um *muffin* para a Rennie — diz ela, assim que fecho a porta. A Rennie também não iria comê-lo. Põe de parte os hidratos de carbono assim que começa a época das claques. Contudo, essa restrição só dura um mês.



Na garagem, calço as alpercatas e depois caminho até ao jipe da Rennie.

— A Nadia vem já aí — informo, ao entrar no carro.

A Rennie inclina-se e abraça-me. *Abraça-a também*, digo para mim própria. E é isso que faço.

— A tua pele fica fantástica contra esse branco — elogia ela, mirando-me dos pés à cabeça. — Quem me dera conseguir ficar tão bronzeada como tu.

A Rennie veste umas calças de ganga justas e um top ainda mais justo com gola de renda e uma camisola de alças por baixo. É tão magra que consigo contar-lhe as costelas. Não creio que esteja a usar soutien. Não precisa de o fazer, pois tem o corpo de uma ginasta.

— Também estás bastante bronzeada — declaro, colocando o cinto de segurança.

— É do bronzeador, querida. — Coloca os óculos de sol e desata a falar a mil à hora. — Eis o que estou a planear para a próxima festa. Foi um sonho que tive a noite passada. O tema vai ser... estás preparada? Os loucos anos 20! As raparigas podiam usar fatos de *charleston* com uma pena na cabeça, e colares de pérola compridos, e os rapazes podiam usar fatos de gângster e *fedoras*. Sexy, certo?

— Não sei — comento, olhando pela janela. A Rennie fala tanto e tão depressa que me provoca dores de cabeça. — Os rapazes são capazes de não gostar. E onde vão eles encontrar essas coisas aqui na ilha?

— *Hello*, chama-se Internet! — A Rennie matraqueia os dedos sobre o volante. — E a Nadia demora tanto porquê? Quero chegar mais cedo para escolher um bom lugar de estacionamento para o resto do ano. — Pressiona a buzina uma vez, duas vezes.

— Para — reclamo. — Vais acordar os meus vizinhos.

— Oh, por favor. A casa mais perto fica, tipo, a meio quilómetro ao fundo da rua.

A porta da frente escancara-se e a Nadia desce os degraus a correr. Parece minúscula contra a nossa enorme casa branca. É uma casa diferente das restantes da ilha, com linhas modernas e muito vidro. A minha mãe ajudou a desenhá-la. Era originalmente a nossa casa de verão, mas depois mudámos de vez para a Jar Island quando eu entrei para o secundário. Fui eu que implorei que nos mudássemos, para poder passar mais tempo com a Rennie e os meus amigos de verão.

A minha mãe acena da porta da frente. Eu aceno de volta.

— Então, és a favor ou contra a festa dos anos 20? — pergunta a Rennie.

Para ser franca, é-me indiferente, mas sei que a minha resposta é importante para ela — razão pela qual me apetece dizer que sou contra.

Contudo, antes de conseguir fazê-lo, a Nadia entra no carro com o cabelo encharcado. Vestiu umas calças de ganga novas e o top preto que comprámos as três quando fomos às compras em julho. Parece ter sido há uma eternidade.

A minha irmã acomoda-se no banco traseiro e eu viro-me e digo:

— Devias ter secado o cabelo, Nadi. Sabes que te constipas sempre que saís de casa com o cabelo molhado.

Quase sem fôlego ela explica:

— Tinha medo de que se fossem embora sem mim.

— Não íamos deixar-te para trás! — grita a Rennie, virando o volante. — Somos as tuas irmãs mais velhas. Vamos olhar sempre por ti, fofinha.

Tenho um comentário pouco abonatório na ponta da língua, e engulo com força para impedir que ele saia. Se o disser, as coisas nunca mais serão as mesmas. Será ainda pior do que agora.

Sáímos da entrada da garagem e descemos a rua.

— O treino da claque é às quatro — lembra-me a Rennie, abanando-se ao som da música. — Não te atrases. Temos de avaliar a carne fresca. Ver o que temos para este ano. Trouxeste a tua pequena máquina de filmar para as gravarmos?

Abro a mala e procuro, embora já saiba que não está lá.

— Esqueci-me.

— Lil! Eu queria avaliá-las mais tarde em HD. — A Rennie deixa escapar um suspiro contrariado, como se estivesse desapontada comigo.

Encolho os ombros.

— Lidaremos com a situação. — É o que estamos a fazer naquele momento, não é? A lidar com a situação? Mas a Rennie é obviamente melhor do que eu.

— Nadi, de todas as tuas amigas, qual é a mais bonita? — pergunta a Rennie.

— A Patrice — responde a minha irmã.

A Rennie vira à esquerda, e passamos pelas pequenas casas de aluguer que povoam Canobie Bluffs. Presto atenção a uma delas em particular. O vigilante está a fechá-la, uma vez que já está vazia. Penso que seja o pai do Reeve. Está a encerrar as portadas do rés do chão. Ainda não chegou às do quarto principal. Essas ainda se encontram abertas.

Viro a cabeça e, pelo canto do olho, olho para a Rennie. Só para ver se ela também reparou. Mas não há nada no olhar dela — nenhum reconhecimento, alarme, nada.

— Nadi, és mil vezes mais bonita do que a Patrice. Para que saibam, só vou escolher as melhores das melhores para a

nossa equipa — avisa a Rennie. — Diz-me se há alguém por quem queiras torcer, e eu trato disso.

De imediato, a Nadia replica:

— O Alex. Posso apoiar o Alex?

A Rennie solta uma exclamação.

— Oh! É melhor perguntares à tua irmã. Ele é o brinquedo dela.

— Rennie, está calada. — Digo-o num tom mais brusco do que planeara e ela mostra uma careta à Nadia pelo espelho retrovisor. Respiro fundo. — Nadia, há uma fila enorme de caloiras e de finalistas à tua frente para apoiarem o Alex. Não podemos mostrar favoritismo. Quero dizer, o que iriam as outras pensar se déssemos primazia a uma caloira? Além disso, ainda vais ter de prestar provas. Ainda não escolhemos a equipa.

Ao escutar-me, a Rennie assente.

— A Lil tem razão. Quero dizer, és praticamente parte da equipa, mas temos de te tratar como qualquer outra candidata. Embora sejas obviamente especial. — A Nadia agita-se no assento como um cachorrinho. — Oh, e diz às tuas amigas que, se se atrasarem um minuto que seja, vão ser enviadas para casa. Ponto final. Como capitã, tenho de zelar pela pontualidade.

— Entendido — diz a Nadia.

— Linda menina. Vais ser a nossa estrela caloira.

Sinto-me a flutuar sobre mim própria quando digo:

— Ela precisa de trabalhar mais o salto mortal à retaguarda. É fraco.

O silêncio instala-se.

Baixo a pala para olhar para a Nadia. A sua expressão é de tristeza e de mágoa.

Quem me mandou dizer aquilo?

Eu sei quanto ela deseja entrar para a equipa. Treinámos durante todo o verão, o salto mortal, as quedas e todos os nossos movimentos. Disse à Nadia que, quando a Rennie terminasse o secundário, seria ela no cimo daquela pirâmide. Disse-lhe que estaria bem integrada na Escola Secundária de Jar. Tal como a sua irmã mais velha.

Todavia, agora não sei se quero que ela seja como eu, ou como a Rennie.

**UM CLUBE DE VINGADORAS PARECE DRÁSTICO...  
MAS TAMBÉM IMPLACAVELMENTE GENIAL.  
QUEM NUNCA SONHOU COM VINGANÇA?**

A Kat quer dar uma lição à ex-amiga que a traiçou. A Lillia quer vingar a sua irmã. E a Mary quer arrasar o bully que lhe infernizou a vida. Depois de tanta humilhação e traição, elas dizem basta!

**TRÊS AMIGAS, TRÊS VILÕES  
E UM PLANO PARA ACABAR COM ELES.**

Na acolhedora cidade de Jar Island, ninguém vai ficar indiferente perante o turbilhão de estranhos acontecimentos que este trio está prestes a desencadear. Até que a pequena brincadeira da Kat, da Lillia e da Mary toma dimensões trágicas e sem direito a um último pedido de desculpa.

**INVEJA, FALSIDADE E INTRIGA, UM ROMANCE QUE DELICIARÁ  
OS FÃS DE PEQUENAS MENTIROsas E DE JENNY HAN.**

**PRECISAS DE MAIS JENNY HAN NA TUA VIDA?**

**NÃO PERCAS:**



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

**20|20 editora**

ISBN 978-989-668-969-8



9 789896 689698

Ficção Romântica